

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JTCLASS. : 68DATA : 05 06 91PG. : 18

Lições para preservar um tesouro inestimável: a madeira.

RANDÁU MARQUES

O Brasil pode se tornar a Arábia Saudita da madeira tropical. Mas precisa, primeiro, parar de incendiar seus "poços de petróleo", ou bosques, e valorizar a matéria-prima que hoje desperdiça. A analogia não é gratuita. Os 263,5 milhões de metros cúbicos de matas nativas derrubadas por ano equivalem a 110 milhões de barris de petróleo. Se o País convertesse essa madeira (que lotaria 26,3 milhões de caminhões de toras) em energia equivalente à do petróleo, poderia ficar sem comprar combustível por mais de um trimestre.

Estas considerações são de Geoffrey K. Elliott, consultor da Organização Internacional de Madeira Tropical — a ITTO, International Trade Timber Organization, cartel formado por 49 países produtores e consumidores de florestas tropicais, com sede em Yokohama, no Japão. Elliott deixou o curso de Tecnologia de Madeira da Universidade de Gales para representar um empreendimento que movimentaria US\$ 5 bilhões por ano.

Como técnico, não gosta de falar sobre questões políticas, como a possibilidade de o presidente Fernando Collor obter, do governo japonês, financiamento para uma ferrovia entre o Acre e Pucallpa, no Peru. Trata-se de uma obra ambiciosa: para chegar ao Oceano Pacífico, os trilhos da ferrovia terão de escalar os quatro mil metros de altura média da Cordilheira dos Andes e, dessa forma, encurtar a distância entre o Brasil e seu principal comprador de madeira, o Japão.

Comércio recente

Elliott também não considera catastrófico o desperdício de madeira no Brasil: "O comércio internacional de madeiras duras ou tropicais tem apenas 50 anos, contra mais de 200 do comércio de árvores coníferas ou madeiras oriundas de bosques de clima temperado", pondera. "No Brasil, a exploração das florestas de terra firme da Amazônia tem apenas 30 anos. É natural que, nesse curto espaço de tempo, muitos erros tenham sido

cometidos. Entre 1968, quando vim pela primeira vez ao Brasil, e agora, observo um grande avanço no setor florestal e uma vontade de aprender com os erros para não repeti-los, o que é fundamental. Além disso, a madeira é um recurso renovável".

JT - A madeira de uma floresta que não se sabe recriar, como a nossa, é um recurso renovável?

Elliott - Se é verdade que pouco sabemos das matas tropicais em relação às demais, por outro lado o corte seletivo das melhores espécies, seguido de reflorestamento, tem-se mostrado excelente para a recuperação das florestas. Ninguém consegue apontar a solução para os problemas que enfrentamos nesse campo. Quem disser que garante a exploração sustentada da floresta tropical estará mentindo. Mas deixar essa vegetação intocada, à espera de maiores conhecimentos, poderia ser fatal para a sua integridade. Só se conserva aquilo a que se dá valor".

Aids florestal

JT - O corte seletivo das melhores árvores tem sido chamado de "Aids florestal" por especialistas. Eles estimam que, para cada hectare assim explorado, surge outro hectare danificado, empobrecido ou simplesmente brocado.

Elliott - Vamos com calma, eu acredito na glasnost internacional. Não vamos marginalizar essa técnica, comparando-a à Aids. Se houver o plantio de espécies nativas nobres para contrabalançar o que foi extraído, os malefícios serão muito menores. Enquanto isso, teremos condições de pesquisar como tornar o suprimento de madeira dessas florestas tropicais contínuo e perpétuo.

Elliott reconhece que muita coisa tem de mudar para que isso aconteça, uma vez que as esperanças internacionais se voltam para um programa da FAO que não contempla sequer o Brasil, dono de dois terços das madeiras nobres do mundo. A própria organização a que pertence (que investe US\$ 11 milhões em pesquisas) precisa mudar de conduta e pressionar os

governos dos países produtores, para que se dê prioridade absoluta às instituições de pesquisa. Ou elevar ao máximo os recursos doados para tal finalidade, sob pena de "decretar a morte da galinha de ovos de ouro".

Pobre galinha: a Amazônia mantida em pé e convertendo seus 357 milhões de hectares em dólares vale cerca de US\$ 5 trilhões. Mas, se fosse derrubada, os 130 trilhões de metros cúbicos de madeira resultantes valeriam muito pouco: "A escassez é a mãe da economia", relembra. E faz questão de deixar claro que a ITTO não pode ser considerada a Opep da madeira: "Mas o Brasil pode vir a sê-lo, pois é o real detentor de uma riqueza que só precisa ser melhor conhecida: apenas 250 das 25 mil espécies de árvores existentes no Brasil são conhecidas e tiveram seu valor cientificamente comprovado por instituições de pesquisa, como o IPT."

Iniciativa conjunta

Para Elliott, falta muita pesquisa. O Ibama precisa conter o desperdício, a universidade tem de ser incentivada a pesquisar e as indústrias têm de ajudá-los a desempenhar suas funções, sob pena de perderem seu futuro. "Eu daria esse presente ao Brasil: governo, universidade e iniciativa privada unindo-se para salvar a biodiversidade da floresta."

Entre 1950 e 1980, o comércio internacional de madeira tropical passou de 4,2 milhões para 41/66 milhões de metros cúbicos (um aumento de 1.500%). Segundo o Instituto Florestal de Oxford, as exportações da Ásia-Pacífico, que atualmente correspondem a 80% de todas as exportações, cairão para apenas 10% no ano 2000.

Os mesmos dados indicam que a América Latina superará essas regiões ainda nesta década, atingindo 63% do mercado até o fim do século. Se tal projeção se concretizar, a velocidade da devastação florestal no Brasil poderá aumentar de forma intolerável, prevêem os próprios empresários do setor florestal. O reflorestamento está praticamente paralisado no País.